



A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA EM LIVRO DIDÁTICO DE LÍNGUA PORTUGUESA

Yana Liss Soares Gomes (UFAL)¹
yana.gomes@cedu.ufal.br

Rita de Cássia Alves da Silva (UFAL)²
ritabarbosa4@gmail.com

Josefa Sabino Gomes de Oliveira (UFAL)³
josefasabino30@gmail.com

RESUMO: No contexto escolar brasileiro, cada vez mais os livros didáticos de Língua Portuguesa (LP) têm sido utilizados como recursos pedagógicos para as práticas de letramento. Partindo desse entendimento, discutimos neste artigo a abordagem da variação linguística a partir da análise de um livro didático (LD) de Língua Portuguesa do 6º ano do Ensino Fundamental. Esta pesquisa está fundamentada nos pressupostos da Sociolinguística e nos estudos de: Bagno (2007), Bortoni-Ricardo (2005), Costa e Gomes (2015), Gomes (2011, 2015), Marinho e Costa Val (2005), Araújo e Pereira (2017), Ota (2009), Cecílio e Matos (2006), dentre outros. Os resultados encontrados na pesquisa revelam que a abordagem da variação linguística no LD tem como ponto de partida o trabalho com os diversos textos, isto é, com os diversos usos linguísticos. Assim, a proposição apresentada para o componente curricular Língua Portuguesa foca a variação linguística em diversas atividades de leitura, de produção e reflexão sobre os usos linguísticos com vistas à ampliação da competência sócio comunicativa dos falantes. Para tanto, o LD traz uma abordagem que pode favorecer o reconhecimento da variação linguística como um fenômeno natural de mudança, ao tempo em que a reconhece como uma prática social e como tal, requer o domínio de inúmeros recursos linguísticos (gramaticais, textuais, lexicais e discursivos), adequados às situações de comunicação, sejam elas formais e/ou informais.

PALAVRAS-CHAVE: Variação Linguística. Livro Didático. Língua Portuguesa.

ABSTRACT: In the Brazilian school context, the Portuguese language textbooks have been increasingly used as pedagogical resources for the literacy practice. With this in mind, we discuss, in this article, the linguistic variation approach from the analysis of a Portuguese language textbook for the 6th grade of Elementary School. This research is based on the assumptions of Sociolinguistics and studies of: Bagno (2007), Bortoni-Ricardo (2005), Costa and Gomes (2015), Gomes (2011, 2015), Marinho and Costa Val (2005), Araújo and Pereira (2017), Ota (2009), Cecílio and Matos (2006), among others. The results show that the linguistic variation approach on textbooks has, as a starting point, the work with multiple texts, that is, with the multiple linguistic uses. Thus, the presented proposition for the Portuguese language curricular component focuses on the linguistic variation in multiple reading, producing and reflecting activities about the linguistic uses, with a view towards the social-communicative competence improvement of the speakers. Therefore, the textbook brings an approach that may favor the recognition of the linguistic variation as a natural changing phenomenon, at the same time that the textbook recognizes it as a social practice and, as such, requires the mastery of countless linguistic resources (grammatical, textual, lexical and discursive), adequate to the communication situations, whether they are

¹ Professora Adjunta do Centro de Educação (CEDU) da Universidade Federal de Alagoas (UFAL).

² Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL).

³ Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL).



formal and/or informal.

KEY-WORDS: Linguistic Variation. Textbook. Portuguese Language.

1 Introdução

No Brasil, a variação linguística relacionada ao contexto de ensino de Língua Portuguesa (LP) tem se constituído objeto de estudo no âmbito acadêmico. Contudo, o discurso e a prática pedagógica acerca da diversidade linguística, assim como o combate ao preconceito linguístico, ainda estão distantes da realidade de muitas escolas (COSTA; GOMES, 2015).

É preciso dizer que nas últimas décadas, aumentou bastante o interesse em trabalhar com a variação linguística em sala de aula (ARAÚJO; PEREIRA, 2017). Essa prática pode ter relação com o fato dos livros didáticos avaliados pelo Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD), contemplarem propostas de ensino para o componente curricular Língua Portuguesa que exploram conceitos referentes à variação e exemplos de variedades linguísticas.

Partindo dessa premissa, resolvemos analisar um livro didático do 6º ano do ensino fundamental. O objetivo desta pesquisa é descrever a abordagem da variação linguística no livro didático com vistas à reflexão sobre as implicações para o ensino de Língua Portuguesa. Para tanto, fundamentamos esta análise nos estudos de cunho sociolinguístico, a saber: Mollica (2003), Bagno (2007), Bortoni-Ricardo (2005), Costa e Gomes (2015), Gomes (2011), dentre outros.

2 Livro Didático, Variação Linguística e Ensino de Língua Portuguesa

Tradicionalmente, os livros didáticos de Língua Portuguesa (LP) usados pelas escolas brasileiras apresentavam uma proposta de ensino fundamentada na ideia de ensinar a escrever. Esses materiais estavam fundamentados por uma concepção de língua restrita ao sistema (código) linguístico, por isso o foco das atividades eram o



ensino das regras gramaticais, ou seja, da gramática normativa. Essa prática predominou até metade da década de 1980, quando ocorreu uma mudança de paradigmas por influência dos estudos de Bakhtin (MARCUSCHI, 2005).

Na década seguinte, as orientações trazidas pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (1997), foram norteados por uma concepção de língua interacionista, assim, houve a validação da heterogeneidade como fator inerente às línguas e a introdução da temática da variação linguística no ensino de língua materna.

A partir de então, é visível o impacto das diretrizes curriculares nos livros didáticos comercializados no Brasil, posto que os materiais didáticos avaliados pelo Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD) passaram a organizar as atividades de ensino por eixos: leitura, oralidade, análise linguística e produção textual. Segundo Bagno (2007), os livros didáticos aprovados pelos PNLD visam garantir o cumprimento das demandas previstas pelas diretrizes e orientações oficiais

Para Ota (2009), graças aos estudos sociolinguísticos, o ponto de partida para o ensino de língua portuguesa é o texto e seus diversos usos sociais. Bochenek (2013), explica que a Sociolinguística deu um grande “salto” no que diz respeito aos estudos da língua materna, nos indicando alguns caminhos que deverão ser trilhados com relação à análise da variação linguística e sua abordagem em sala de aula.

A partir das contribuições de várias pesquisas de cunho sociolinguístico, educadores e linguístas têm contribuído para o planejamento da política linguista por meio do Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD), porém, o modo como esses materiais didáticos se referem à variação linguística geralmente ainda é um questionável.

Segundo Bagno (2007), em muitos livros, é perceptível a tentativa de discutir o preconceito linguístico, contudo, alguns problemas são recorrentes, como por exemplo, a associação de variedades linguísticas usadas na meio rural à fala do personagem Chico Bento, nas tirinhas de Maurício de Sousa. Outra questão diz respeito ao fato de que em algumas atividades, existem questões que solicitam a transformação dos diálogos utilizados pelo personagem para a variedade linguística prestigiada, a norma culta. Essa proposição é equivocada, pois os modos de fala de Chico Bento representam justamente

a diversidade linguística. Orientar os alunos a reescreverem uma variedade linguística adequando variedade padrão, configura-se também como uma forma de preconceito linguístico.

A variação linguística é um princípio universal das línguas (MOLLICA, 2003). É um fenômeno natural de mudança decorrente da influência de fatores extralinguísticos, tais como: origem geográfica, status socioeconômico, grau de escolarização, idade, sexo, mercado de trabalho, redes sociais (BAGNO, 2007). Neste estudo, consideramos que além de fenômeno linguístico, a variação é uma prática de linguagem que se materializa pela interação social (GOMES, 2015), portanto, essa temática não pode ser negligenciada no âmbito do ensino de LP.

Bortoni-Ricardo (2005, p.15), frisa o papel da escola e do professor de língua materna no processo de conscientização linguística:

[...] a escola não pode ignorar as diferenças sociolinguísticas. Os professores e, por meio deles, os alunos têm que estar bem conscientes de que existem duas ou mais maneiras de dizer a mesma coisa. E mais, que essas formas alternativas servem a propósitos comunicativos distintos e são recebidas de maneira diferenciada pela sociedade. Algumas conferem prestígio ao falante, aumentando-lhe a credibilidade e o poder de persuasão; outras contribuem para formar-lhe uma imagem negativa, diminuindo-lhe as oportunidades.

A escola, enquanto principal agência de letramento, não pode se esquivar de reconhecer a variação linguística como uma temática do currículo de Língua Portuguesa. Sendo assim, o professor de LP tem um papel muito importante no processo de conscientização dos estudantes e no combate ao preconceito linguístico.

Em relação ao trabalho com a variação linguística, Marinho e Costa Val (2001), argumentam que o professor precisa conhecer as diferenças entre a variedade padrão e os dialetos dos alunos. É importante esclarecer aos estudantes que os falantes de uma língua variam seus modos de fala de acordo com o grau de reflexão, de consciência ou de conhecimento sobre língua (MARINHO; COSTA VAL, 2006).

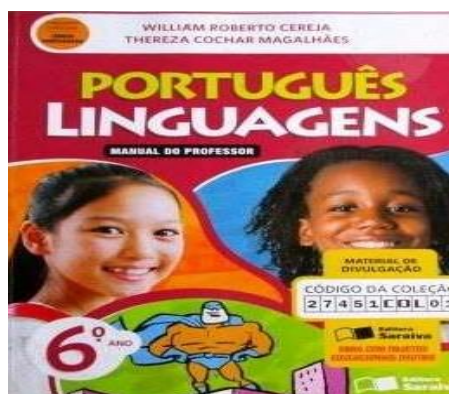
Nesse contexto, o livro didático de português é um instrumento didático, do qual os professores e a escola podem se utilizar para combater os diversos mitos e

preconceitos linguísticos que circulam em nossa sociedade (GOMES, 2011). Para tanto, é necessário destacar a importância da prática reflexiva nas aulas de Língua Portuguesa. Ao promover a reflexão sobre os usos linguísticos e os recursos comunicativos adequados às diversas situações de interlocução, é possível ampliar a competência comunicativa dos falantes e, conseqüentemente, promover a interação em diferentes contextos sociais (COSTA; GOMES, 2015).

3 Variação Linguística no Livro Didático de Língua Portuguesa

O livro analisado “Português-Linguagens” é de autoria de William Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães. O material foi publicado em 2014, pela editora Saraiva.

Figura 1: Capa do livro



Fonte: Cereja e Magalhães (2014).

O livro didático (LD), objeto de análise, foi escolhido em função dos seguintes critérios: material aprovado pelo Programa Nacional do Livro e Material Didático (PNLD) e que fosse adotado por uma escola pública de Maceió-AL.

O LD é uma obra composta por 4 unidades temáticas: “No mundo da Fantasia”, “Crianças”, “Descobrimo quem sou eu”, e “Verde, adoro ver-te”. Cada unidade contempla três capítulos que apresentam as atividades organizadas nas seções: “Estudo do Texto”, “Produção de Texto”, “A língua em Foco”, “De Olho na Escrita” e “Intervalo”.

A abordagem da variação linguística no livro didático está presente no capítulo 2, mais precisamente na seção “A Língua em Foco”, na qual são exploradas diferentes questões relacionadas à diversidade linguística, tais como: variedades linguísticas, norma padrão, variedades de prestígio e preconceito linguístico.

Em relação à proposição para o componente curricular Língua Portuguesa, verificamos que no capítulo 2, o LD explora as variedades linguísticas, a partir da apresentação da tirinha de Fernando Gonsales (ver figura 2):

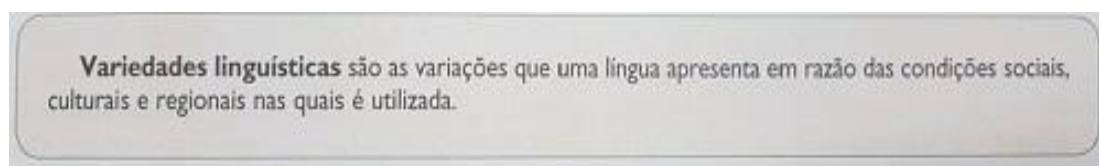
Figura 2: Introdução à temática da variação linguística



Fonte: Cereja e Magalhães (2014, p.36).

Inicialmente, é apresentado ao leitor um texto que traz de forma humorística os diferentes usos da língua portuguesa. Na tirinha, o humor é construído por meio das expressões usadas por um papagaio (bicicreta, cocrete, cardeneta) com o objetivo de evidenciar algumas variedades usadas por falantes do português que podem ser “alvos” de preconceito linguístico. Na sequência, o LD apresenta o conceito de variedades linguísticas, conforme ilustrado na figura 3:

Figura 3: Conceito de variedades linguísticas



Fonte: Cereja e Magalhães (2014, p.37).

Na figura 3, identificamos que o LD apresenta o termo variedades linguísticas equivalente à variação linguística. Aqui, constatamos uma certa “superficialidade” com relação ao tratamento dado à temática investigada, uma vez que variação linguística refere-se a um fenômeno mais amplo e não se limita a uma variedade linguística específica como referido no livro. Para Tarallo (1986, p.08), as variantes linguísticas representam as “[...] diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto e com o mesmo valor de verdade”.

Ao tratar dos conceitos de norma-padrão e de variedades de prestígio, o LD introduz o entendimento de que a língua sofre constante mutação, assim, novas palavras surgem a todo momento. Por essa razão, há o argumento de que norma padrão é necessária para normatizar os usos sociais da língua, vejamos a figura 4:

Figura 4: Norma padrão - norma culta

Norma-padrão é uma referência, uma espécie de modelo ou de “lei” que normatiza o uso da língua, falada ou escrita.
Variedades urbanas de prestígio, também conhecidas como **norma culta**, são as variedades empregadas pelos falantes urbanos, mais escolarizados e de renda mais alta.

Fonte: Cereja e Magalhães (2014, p.38).

A norma padrão da língua portuguesa é apresentada no LD como um modelo que orienta a fala e a escrita, ou seja, a norma culta é concebida como a referência para os usuários da língua que precisam usar o português nas situações mais formais, como por exemplo, em entrevista de emprego, apresentações de trabalho escolar, participação em debates, etc.

Para Bagno (2007, p.130), norma-padrão “É o conjunto de regras padronizadas, descritas e prescritas pelas gramáticas normativas, inspiradas em estágios passados da língua e principalmente nas opções de um grupo restrito de escritores consagrados”.

Com relação às variedades urbanas de prestígio, aquelas empregadas pelos falantes urbanos de maior escolaridade e renda, o LD esclarece que estas estão associadas à norma culta. Vejamos a argumentação dos autores do livro:

As variedades do português que mais se aproxima da norma-padrão são prestigiadas socialmente. É o caso das variedades linguísticas urbanas, faladas nas grandes cidades por pessoas escolarizadas e de renda mais alta (CEREJA; MAGALHÃES, 2012, p. 38).

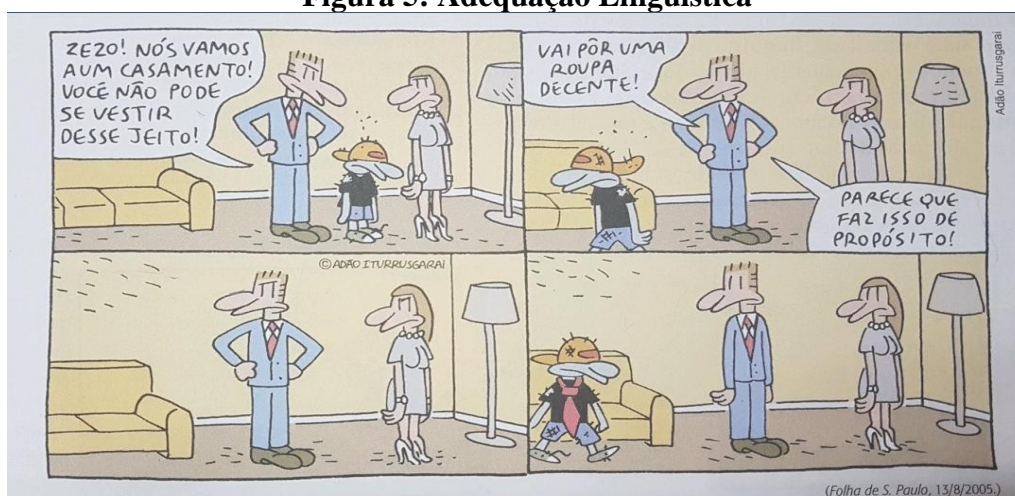
Segundo o LD, as variedades linguísticas mais prestigiadas na sociedade brasileira são as que mais se aproximam da norma-padrão, isto é, são aquelas usadas por pessoas escolarizadas e de padrão social bem elevado que vivem, em geral, nos grandes centros urbanos.

O livro destaca que o preconceito linguístico se manifesta quando algumas variedades da língua são tratadas com certo estigma, ou seja, quando são desprestigiadas socialmente. Assim, o português falado pelas classes sociais mais favorecidas é a variedade mais valorizada socialmente em nosso país.

A norma culta ou de prestígio como explica Bagno (2007, p.130) são as “[...] variedades linguísticas reais empiricamente observáveis, autênticas, que caracterizam a fala e a escrita dos cidadãos urbanos, letrados e socioeconomicamente privilegiados”.

Para a discussão sobre os diversos usos da língua, o LD introduz outra tirinha que trata do “falar bem” e do “falar adequadamente”. Vejamos a figura 5:

Figura 5: Adequação Linguística



Fonte: Cereja e Magalhães (2014, p.39).

O LD usa a tirinha de Adão Iturrusgarai para esclarecer ao leitor que em situações de comunicação mais formais, o falante deve usar a variedade linguística mais próxima possível da norma-padrão, por outro lado, em situações informais é necessário usar uma variedade linguística informal, adequada à situação de comunicação. Desse modo, o livro faz referência à variação estilística ou de registro que ocorre em função da interação verbal (MOLLICA, 2003).

A variação de registro, também chamada de diafásica, naturalmente surge da adequação dos usos linguísticos ao contexto comunicativo (MARINHO; COSTA VAL, 2006). Bagno (2007, p.44-45), afirma que “[...] variamos o nosso modo de falar, individualmente, de maneira mais consciente ou menos consciente conforme a situação de interação em que nos encontramos”.

Na sequência, o LD explica que a variação linguística se manifesta também em razão das condições sociais, culturais e regionais. O primeiro exemplo apresentado cita a influência do fator geográfico nos modos de fala de cada região:

Figura 6: Variação geográfica



Fonte: Cereja e Magalhães (2014, p.40).

Analisando a tirinha verificamos que no primeiro quadrinho, há a presença de uma variedade linguística usada por muitos brasileiros, conhecida popularmente como o falar “caipira”. Esse exemplo de variação dialetal refere-se ao modo de fala de usuários



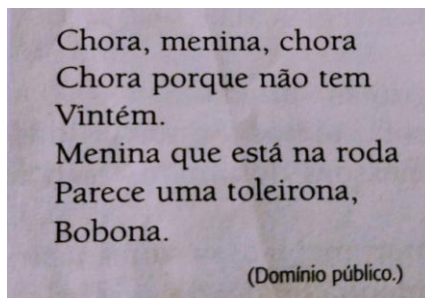
de um determinado grupo social (MARINHO; COSTA VAL, 2006). Nesse caso, temos o exemplo da variação geográfica (ou diatópica) que relaciona os usos linguísticos à origem geográfica dos falantes.

Sobre esse tipo de variação linguística, Bagno (2007), faz uma crítica aos livros didáticos de Língua Portuguesa que trazem as tirinhas com o personagem Chico Bento para ilustrar a variedade usada na zona rural. Para o autor, os livros didáticos mais vendidos no Brasil são escritos e produzidos na região Sudeste, sendo assim, as variedades linguísticas apresentadas nos materiais são as faladas nessa região. Portanto, o que é usado para exemplificar as variedades rurais não dá conta de representar todas as regiões do Brasil, ou seja, não é uma variedade comum a todas as comunidades de fala existentes em nosso país.

O LD analisado também trata das variedades linguísticas que surgem em função do contexto sociocultural dos falantes, tais como: idade, profissão, grau de escolaridade, etc. Aqui fazemos uma observação, porque o livro analisado não traz um novo texto, apenas retoma expressões retiradas de uma tirinha já apresentada na figura 2. Os exemplos, “bicicreta”, “cocrete” e “cardeneta”, são usados para destacar como alguns usos linguísticos podem ser caracterizados por normas de conduta, de cultura ou ainda por linguagens próprias de cada comunidade. Esse tipo de variação linguística é chamada de diastrática e ocorre de acordo com a classe social da pessoa que a fala e/ou conforme os grupos sociais a que pertence (MARINHO; COSTA VAL, 2006).

Acerca da existência da variação histórica, o material didático explica que a língua sofre mudanças de acordo com a época, por exemplo, as palavras e o modo de escrita variam de acordo com o passar do tempo, em função do dinamismo da língua. A ortografia é um bom exemplo, como no caso da palavra farmácia que antigamente era escrita com ph, ou ainda, como nas palavras “vintém” e “toleirona”, presentes no texto a seguir.

Figura 7: Variação histórica



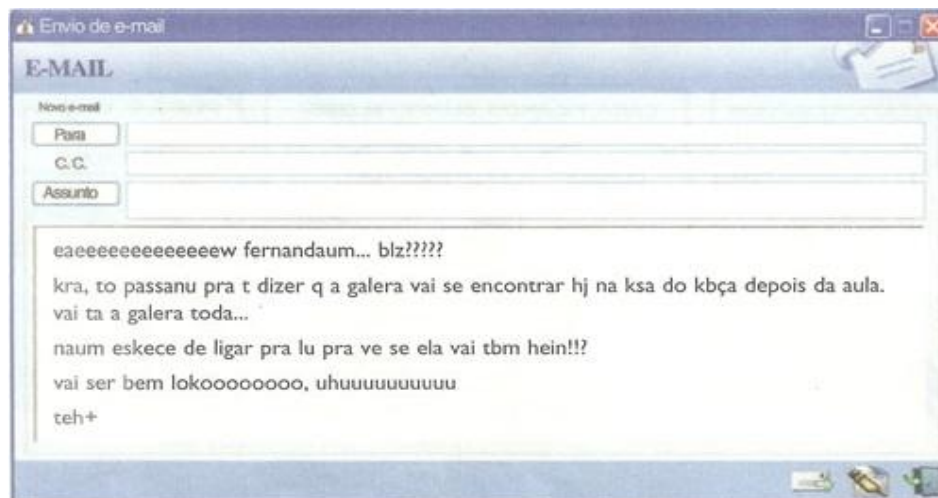
Fonte: Cereja e Magalhães (2014, p.40).

Nos versos do poema, “vintém” e “toleirona” ilustram palavras que eram usadas antigamente. Elas são usadas pelo LD para representar a chamada variação diacrônica, decorrente do processo natural de mudança e de evolução das línguas no decorrer dos tempos (MARINHO; COSTA VAL, 2006).

Sobre a relação fala e escrita, o LD destaca que o uso da linguagem oral é mais espontâneo que a linguagem escrita. Na fala, por vezes, o falante repete palavras, não completa a sequência de ideias, ignora a concordância (verbal ou nominal) ou usa várias expressões do tipo: “né”, “tá”, “entendeu”. Por outro lado, na modalidade escrita é necessário escolher adequadamente as palavras e usar a variedade linguística mais próxima da norma-padrão. O LD orienta que ao falar em público, durante uma entrevista ou conversa em contextos mais formais é necessário monitorar os usos linguísticos, evitando ugrías, expressões grosseiras que demonstrem intimidade com o interlocutor, como por exemplo: “fofinha”, “safado”, “pra caramba”, “dia de cão”, “é um saco”.

Em seguida, o livro didático destaca as mudanças linguísticas promovidas pelos avanços das tecnologias para abordar questões relacionadas à formalidade e à informalidade, conforme apresentado no email da figura 8:

Figura 8: Formalidade e informalidade



Fonte: Cereja e Magalhães (2014, p.41).

Embora o email, seja um gênero textual escrito, temos na imagem alguns usos linguísticos típicos da oralidade (“kra”, “passanu”, “ksa”, “naum”, “eskece”, “lu”, “tbm”). Nesses exemplos, o LD justifica que há um menor monitoramento da língua escrita, o que revela provavelmente, um certo grau de proximidade entre os interlocutores. A ideia expressa pelo livro é que a partir da internet as fronteiras entre a oralidade e a escrita vem se enfraquecendo cada vez mais, a exemplo, o LD cita os textos escritos nas redes sociais que apresentam bastante linguagem informal.

Observamos que no livro didático analisado, os autores se referem à língua oral como uma modalidade de uso mais espontânea, enquanto a escrita seria mais formal. Para Bagno (2007), essa associação muito comum em livros didáticos de LP propaga a falsa ideia de que a fala e a escrita são absolutamente diferentes e mais ainda, que a fala é o lugar do “erro” e que a escrita é lógica, organizada e homogênea. Tais equívocos, são sistematicamente negadas, tanto pelos estudos da Antropologia, da Psicologia e da Linguística moderna, especialmente pelos estudos da Sociolinguística.

Quando analisamos as atividades de leitura e de escrita propostas pelo LD, constatamos que o ponto de partida para o ensino de LP são os textos (orais e escritos) que em várias atividades retomam os diversos usos linguísticos adequados a cada situação de comunicação. Nas atividades de leitura são explorados a compreensão e a



análise linguística, assim como a leitura expressiva dos textos, enquanto que nas atividades de produção textual, o objetivo é a caracterização e apropriação dos diferentes gêneros textuais, concebidos como ferramentas de linguagem que se inserem socio-historicamente nas práticas de leitura, de escrita e de oralidade.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) relativa ao componente Língua Portuguesa reafirma o texto como unidade de ensino ao orientar o trabalho com “[...] as práticas de linguagem, discurso e gêneros discursivos/gêneros textuais presentes em diversas esferas de circulação social (BRASIL, 2018, p. 63).

Em síntese, o material didático analisado apresenta uma proposta didática para o ensino de Língua Portuguesa numa perspectiva interacionista. Nesse sentido, o LD concebe a linguagem como “[...] uma forma de ação interindividual orientada para uma finalidade específica; um processo de interlocução que se realiza nas práticas sociais existentes numa sociedade, nos distintos momentos de sua história” (BRASIL, 1998, p. 20).

A partir desta análise consideramos ser importante que a variação linguística seja trabalhada frequentemente em sala de aula de Língua Portuguesa. Esse é um conteúdo curricular importantíssimo e não pode ser negligenciado, pois tem grande relevância na formação linguística do aluno (ANTUNES, 2003). O preconceito linguístico existe fortemente fora e dentro da escola, assim cabe aos professores de LP conscientizarem os estudantes que a variação linguística não ocorre de maneira desordenada ou aleatória.

Para Bagno (2007), os docentes não podem desconsiderar a existência da variação linguística, pois, diariamente, nos deparamos com esse fenômeno em sala de aula. Nesse sentido, o professor de português deve considerar a interação social e por em prática sua autonomia crítica e reflexiva, a partir de um novo posicionamento com relação ao ensino da Língua Portuguesa que valorize a diversidade linguística (ANTUNES, 2003).



Considerações Finais

A análise descritiva do livro “Português-Linguagens” evidenciou que a variação linguística é concebida como um fenômeno de mudança da língua portuguesa, motivado por inúmeros fatores extralinguísticos (geográficos, históricos, sociais e situacionais). No decorrer de vários capítulos, os diversos usos linguísticos são retomados nas atividades propostas, embora a variação linguística seja abordada de forma mais contundente no capítulo 2.

Da análise, verificamos que em várias partes do livro existem atividades que contemplam as especificidades dos usos da língua e/ou de algumas variedades linguísticas, considerando a necessidade de adequação dos recursos linguísticos, textuais, lexicais e discursivos às situações comunicativas (formais e informais), ao gênero textual e aos interlocutores.

Ao contemplar a abordagem variação linguística, o LD pode incentivar os professores de Língua Portuguesa a discutir em sala de aula como os diferentes usos da língua ocorrem nas interações sociais e combater os preconceitos e/ou estigmas linguísticos. Para tal intento, a discussão sobre a variação linguística precisa contemplar aspectos referentes ao fenômeno e à prática social, a fim de promover a ampliação da competência sociocomunicativa dos estudantes.

Referências

- ANTUNES, Irandé. **Aula de Português: encontro e interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- ARAÚJO, A. A.; PEREIRA, M. L. Variação linguística em livro didático do ensino fundamental: propostas e tratamento. **Revista Digital do Programa de Pós-Graduação em Letras da PUCRS**. Porto Alegre, v. 10, n. 1, p. 350-360, janeiro-junho, 2017.
- BAGNO, M. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística**. São Paulo: Parábola, 2007.
- BORTONI-RICARDO, S. M. **Nós chegemu na escola e agora?** Sociolinguística & educação. São Paulo: Parábola, 2005.



- BOCHENEK, S. Variação Linguística e Letramento: uma discussão necessária. **Língua e Letras**. v.15. n; 27. Jul./dez, p.173-188, 2013.
- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa**. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília, DF: MEC/SEF, 1997.
- CECILIO, S. R.; MATOS, C. M. A. de. **Revisitando o livro didático: a variação linguística e o ensino de língua**. **Entretextos**, Londrina, n. 6, p. 39-43, jan/dez. 2006.
- CEREJA, W. R.; MAGALHÃES, T. C. **Português - Linguagens**. São Paulo: Editora Saraiva 2014.
- COSTA, C. S. S. M.; GOMES, Y. L. S. O Ensino de língua materna e a abordagem da variação/diversidade linguística em sala de aula. *In*: COSTA, C. S. S. M.; LOPES, I. A. GOMES, Y. L. S. **Variação/diversidade linguística e Ensino: as múltiplas faces**. Teresina: EDUFPI, 2015.
- ERICKSON, F. **Ethnographic description in Sociolinguistics**. Berlin e N. York: Walter de Gruyter, 1988. p.95-108.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- GOMES, Y. L. S. **Crenças e variação linguística: uma abordagem sistêmica na perspectiva da complexidade**. Teresina: EDUFPI, 2015.
- _____. Ensino de língua e variação linguística: uma análise de Livros Didáticos de Português. *In*: COSTA, C. S. S. M.. **Olhares Sociolinguísticos: Variação e Interação**. 1ed. TERESINA: EDUFPI, 2011.
- MARCUSCHI, L. Oralidade e ensino de língua: uma questão pouco “falada”. DIONÍSIO, A. P.; BEZERRA, M. A. (Org.). *In*: **O livro didático de Português: múltiplos olhares**. 3. ed., Rio de Janeiro: Lucerna, 2005, p. 21-34.
- MARINHO, J. H. C.; COSTA, VAL, M. G. **Variação Linguística e ensino**. Belo Horizonte, CEALE, 2006.
- MOLLICA, M. C. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. *In*: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Orgs.). **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2003.
- OTA, I. A. da S. O livro didático de língua portuguesa no Brasil. **Educar**, Curitiba, 2009, n. 35, p. 217-220, 2009. Editora UFPR.
- TARALLO, F. A relação entre língua e sociedade. *In*: _____. **A pesquisa sociolinguística**. São Paulo: Ática, 1985.

Recebido Para Publicação em 20 de outubro de 2019.

Aprovado Para Publicação em 10 de dezembro de 2019.